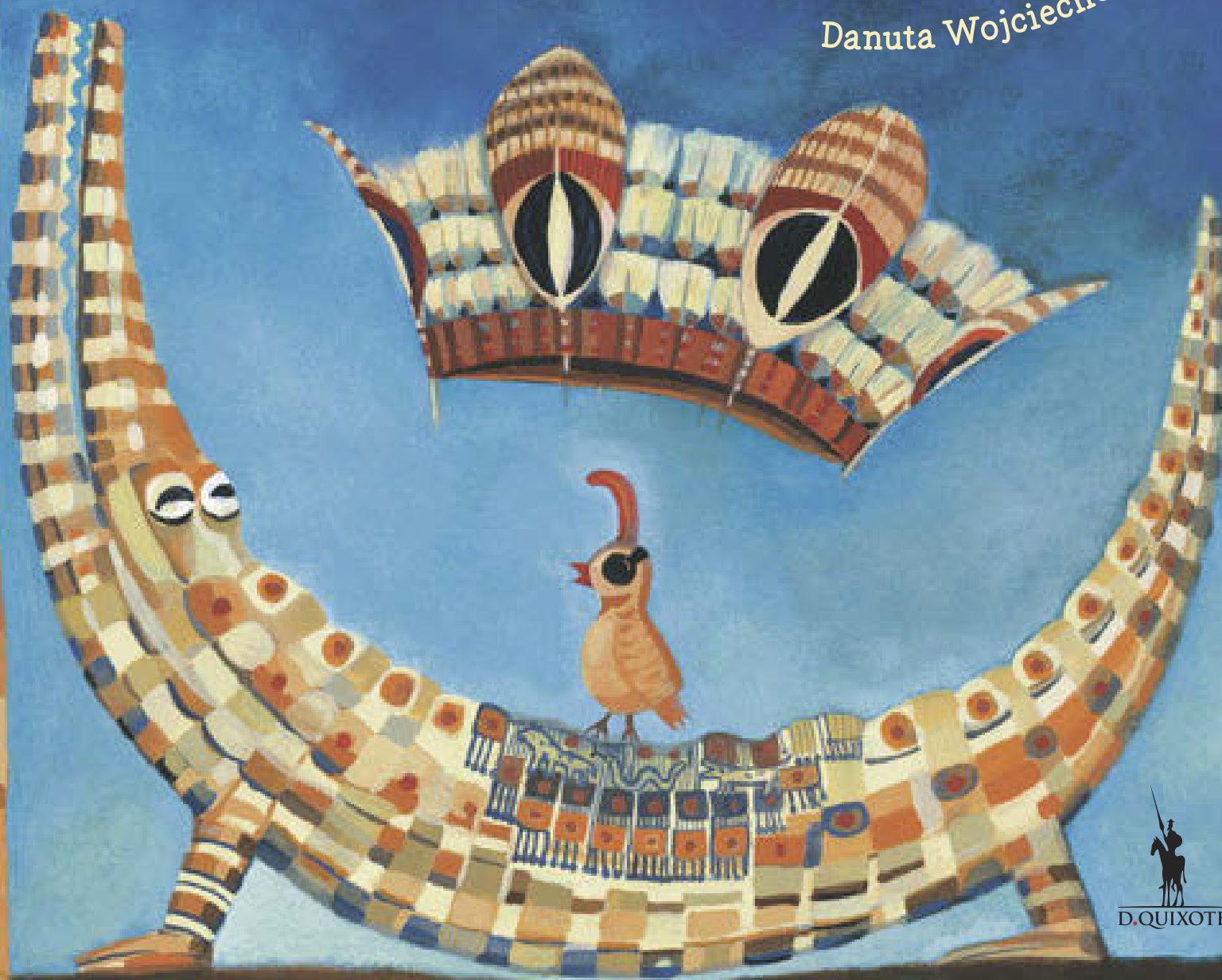


José Eduardo Agualusa

# A RAINHA

DOS estapafúrdios

Danuta Wojciechowska





PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE  
[uma editora do grupo LeYa]

Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide · Portugal  
Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

José Eduardo Agualusa (texto)  
Danuta Wojciechowska (ilustrações)

REVISÃO Clara Boléo  
DESIGN LupaDesign | Joana Paz | [www.lupadesign.pt](http://www.lupadesign.pt)

TRATAMENTO DE IMAGEM LupaDesign | Joana M. Ramalho

ISBN 9789722049573

[www.dquixote.pt](http://www.dquixote.pt)

# A RAINHA DOS estapafúrdios

José Eduardo  
Agualusa

ILUSTRAÇÕES

Danuta  
Wojciechowska



D. QUIXOTE





Naquela manhã, Tia Juvelina, a velha cegonha,  
levou os pássaros a passear pelos céus.

– Isto são nuvens – disse-lhes, apontando com a asa  
direita para os enormes flocos brancos que se estendiam  
através do espaço, a perder de vista, e que o vento  
arrastava sem esforço de um lado para o outro.





Uma perdigota, que viajava às suas costas, quis saber se as nuvens podiam ser comidas. Perdigoto, para quem não saiba, é o nome que se dá aos filhotes das perdizes. Perdizes, suponho que isso toda a gente sabe, são aves semelhantes aos pombos, mas com uma plumagem mais colorida e que andam sempre de óculos escuros. Aquela perdigota, que como todos os perdigotos da sua idade ainda não tinha a cobri-la o belo casaco de penas dos pais (mas já usava óculos escuros), chamava-se Ana e era muito irrequieta e curiosa.

- Eu cá estou esfomeada – disse Ana lambendo o bico.
- Já comia qualquer coisa.



Tia Juvelina sobressaltou-se:

– Deus não fez as nuvens como iguaria. Mas amargas não devem ser.

– E comem-se frias? – tornou Ana. – Parecem saborosas.

– Pois sim, acho melhor que as comas frias – confirmou a cegonha. – Se as lewares ao lume desmancham-se.

– Sabem a água – disse a perdigota, depois de bicar uma nuvem. Bicou-a de novo com sofreguidão. – Sabem mais a água do que a própria água. São boas.



Tia Juvelina explicou aos pássaros que as nuvens eram como grandes lagos flutuantes. Corriam pelos céus, engordavam, escureciam com o peso da água, e finalmente desfaziam-se em grossas bátegas de chuva. Voltavam a ser lagos e rios lá em baixo, na terra.

– Há nuvens tão grandes – acrescentou a velha cegonha – que dentro delas nadam cardumes de peixes.

Ana duvidou. Duvidar era uma coisa que ela fazia muito bem:

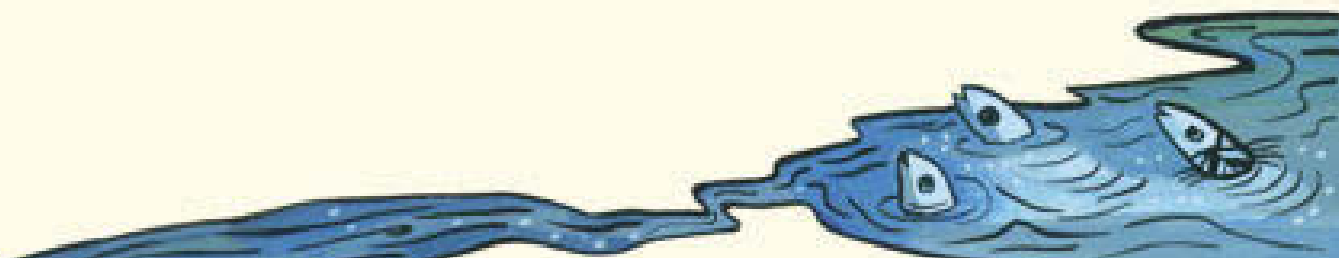
– É verdade, tia?

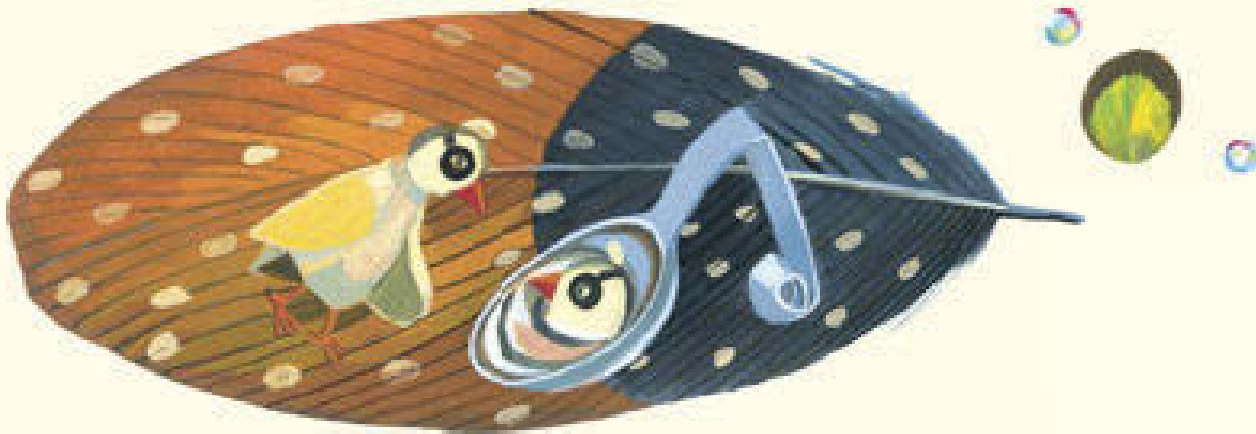
Tia Juvelina viajara pelo mundo inteiro. Vira muitos prodígios:

– Sim, querida. Por vezes chovem peixes.



Lembrava-se de uma aldeia onde tinham chovido carapaus. Os camponeses saíram para a rua com grandes panelas e nessa noite fizeram uma festa. Numa outra aldeia, contou a Tia Juvelina, choveram piranhas. Eram tão ferozes, e estavam tão esfomeadas, que se iam devorando umas às outras ainda enquanto caíam. Em terra começaram a perseguir as pessoas e os animais domésticos, aos saltos, e foi necessário matá-las à vassourada e à paulada. Algumas delas, contudo, caíram numa lagoa próxima, na qual durante muitos anos ninguém se atreveu a tomar banho.





Ana não se conformava por ver os pais, os irmãos e os primos mais velhos enfeitados de belas penas, enquanto ela era forçada a vestir o mesmo casaco cinzento e sem graça dia após dia. Mal despertava, corria alvoroçada a debruçar-se sobre uma colher de sopa, abandonada junto ao ninho, e que servia de espelho a toda a família:

– As minhas penas? Onde estão as minhas penas novas?

O que via era sempre a mesma perdigota gorducha e desajeitada, sem uma única pena colorida a enfeitar-lhe o (ul)traje. Então, certa tarde, andando sozinha a passear pela savana, a pé, porque ainda mal conseguia esvoaçar, Ana viu desenrolar-se no céu um perfeito arco-íris. Ficou fascinada. Tia Juvelina, a velha cegonha, já lhe tinha falado nos arcos-íris, mas a perdigota duvidara. Ana, insisto, tinha um grande talento para a dúvida. Afinal os arcos-íris existiam mesmo e eram ainda mais bonitos do que no relato de Juvelina. Fantástico!



– E se eu tomar um banho de arco-íris? – pensou Ana.

– Um banho de arco-íris arcoirizará um passarinho?

Correu e correu até alcançar uma das extremidades do arco-íris. A luz colorida caía sobre o capim, mansamente, para depois se dispersar, deixando mais leve o mundo em redor. Era como acordar dentro de um sonho. Não um sonho qualquer. O sonho de um pirilampo, que são bichos muito iluminados. Ana fechou os olhos e lançou-se de cabeça para o meio do jorro. Quando os reabriu viu que todo o seu corpo brilhava, cada pena com a sua cor, algumas com muitas cores em simultâneo, de forma que no conjunto dava a impressão de que se havia transformado num pequeno arco-íris saltitante.

– Uau! – gritou Ana entusiasmada. – Resultou! Sou um génio, eu.

Regressou ao ninho excitadíssima. Esperava ser recebida com grandes manifestações de espanto, talvez de mal contida inveja, por parte dos irmãos e primos. Esperava que lhe dissessem «Estás tão linda!» Esperava que a mãe se abraçasse a ela emocionada e que o pai a levantasse nas fortes asas e a lançasse ao ar gritando – «És a minha princesa!» Não aconteceu nada disso. A chegada do pequeno arco-íris saltitante foi precedida de um forte revoar de asas e um confuso coro de assustados piares, chiados, assobios, chilreios, grasnados e cacarejos, a que se seguiu a debandada geral do passaredo.

